

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

o programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

## CHRONICA DOS SALÕES.



Eis-aqui uma semana que muito se prestou para assumpto deste artigo; comquanto os bailes não fossem abundantes, e menos ainda as reuniões particulares.

Começaremos por noticiar-vos que no sabbado passado, tiverão logar os bailes das sociedades *Phil'Euterpe* e *Vestal*, cada um dos quaes esteve mais brilhante e concorrido. No primeiro constou a primeira parte de brilhantes execuções de escolhidos pedaços de musica, e passou-se á dança depois de servido um magnifico chá. No segundo não houve desta vez parte harmonica, em consequencia de incommodos que occorrêrão ao digno professor que dirige esta parte dos divertimentos: entretanto houve muita animação e brilho, nada faltando por parte da directoria para que esta reunião fosse digna da sollicitude com que esta sociedade se tem elevado a tão distincta posição.

No domingo á tarde, concorreu bastante gente ao Passeio Publico, onde uma banda de musica executou algumas peças; mas não houve tanta concurrencia como em outros dias, porque não só nessa tarde teve logar a procissão de *Corpus-Christi* da freguezia de Santa Rita, que como de costume, é uma das que com mais esplendor, riqueza, aceio e grande cortejo de anjos se apresenta, o que attrahe grande affluencia de fieis; como tambem porque mais de seiscentas pes-

soas, grande parte das quaes são frequentadores do Passeio, estavam desde as 9 horas da manhã, formando a primeira e pomposa companhia do *Club Recreio Maritimo*. Segundo o programma deste divertimento, dirigiu-se a companhia em tres vapores para a Ilha de Paqueta, descrevendo na viagem, um pequeno circulo pela bahia, e chegando á altura da Ilha do Governador salvarão o pavilhão do *Club* com girandolas, vivas e musica, executada pelas duas bandas militares dos batalhões de fuzileiros e artilheria.

Chegada a companhia á ilha do seu destino, desembarcou no porto, e dividindo-se então em duas, caminharão á pequena distancia uma da outra, precedidas cada uma de uma banda de musica, para a casa do Sr. Guilherme Pinto de Magalhães, que esperava a visita do *Club*, e diante de cuja casa se havia armado um extenso e magnifico barracão guarnecido de bandeiras, e onde foi servido um jantar de seiscentos talheres, cuja profusão e riqueza excedeu a expectativa de todos os convivas. Enquanto se servia o jantar, dispersou-se a companhia em alegres grupos que se entretinhão diversamente; dançando uns contradaças ao som de uma orchestra, outros aproveitando com elegancia a polka ou a schottisch que executava outra banda; ali um amador descantava lindas modinhas acompanhando-se em violão; mais além alguns gru-

pos passeiavam e conversavam alegremente. Por toda a parte emfim, se notava o prazer de tão brilhante companhia, cuja directoria foi inenarrável, particularmente o seu digno presidente, o Sr. commendador Carlos Honorio de Figueiredo, que mereceu de suas senhoras as mais decididas provas de sua approvação por este novo genero de divertimentos que elle criou entre nós, dirigindo-lhe brindes que foram entusiasticamente applaudidos por toda a companhia na occasião do banquete, e após os quaes subião girandola e tocavam as bandas de musica. Depois de terminado o jantar, que teve lugar ás 3 1/2 horas da tarde, entreteve-se ainda a companhia nos mesmos divertimentos até ás 8 horas da noite, quando se deu o signal da partida, e cuja viagem, na volta, foi ainda cheia de animação, até que ás 10 horas da noite desembarcarão nesta cidade cheios de saudade de tão memoravel dia.

Felicitemos a directoria pelo bom exito de suas primeiras funcções sem que occorresse o mais ligeiro incidente que pudesse desgostar ou entristecer por alguns momentos pessoa alguma de tão numerosa companhia. Alguns officiaes da marinha americana e da franceza, convidados para este passeio conquistarão muitas sympathias pelo seu distincto cavalheirismo e delicadeza; e nos consta que o digno presidente do Club receberá já convite da officialidade franceza para um jantar que lhe é offerecido á bordo da Fragata, em testemunho de seu reconhecimento pelo convite que tanto appreciãção.

Apenas lembraremos a digna directoria que para o proximo passeio addicione ao seu programma um artigo prohibindo as Senhoras os vestidos de seda, e aos cavalheiros o trajar casaca em taes companhias; pois que não se prevenindo desde o principio esta tendencia para o luxo, bem depressa invadirá elle estas reuniões e lhes mudará completamente o caracter como aconteceu com as reuniões da sociedade *Campestre*.

Na segunda-feira teve lugar a segunda representação da opera *Maria de Rohan* onde a Sra. Charton, e os Srs. Arnaud e Dufrene deixarão o seu numeroso auditorio impressionado pela perfeita execução de suas partes.

Na quarta-feira deu o insigne Thalberg o seu primeiro concerto no theatro lyrico. Grande era o desejo de ouvir o primeiro pianista do mundo, e grande foi a concorrência que encheu todo o theatro. Conston o concerto de duas partes e seis escolhidos pedaços em cada uma d'ellas. Tornarão parte neste divertimento as Sras. Charton, Agostini e Casaloni, e os Srs. Dufrene, Bouché, Tatti, Ferranti, Arnaud e Gentili. O grande Thalberg executou quatro magnificos pedaços, cujas difficuldades maravillharão o auditorio, que difficilmente se conteve para não interromper com os applausos, que cobrião sempre as ultimas notas que elle desferia do piano. O distincto pianista Arnaud foi collocar-lhe sobre a cabeça uma linda corda de louro, logo depois de sua primeira execução, flores e passaros vôavam de todos os camarotes; e os mesmos artista o victoriavam com delirio. Terminado o espectáculo crescerão os applausos, e chamado o artista ao palco soarão os vivas que foram acompanhados pelos accenos dos lenços de todos os camarotes.

Não parou aqui a manifestação do apreço devido a este genio. Foi grande concurso esperal-o á porta de sua residencia, e ahi os artistas do theatro e outros, em n.º de cerca de 80, lhe derão uma serenata, executando uma symphonia, depois um coro cantado sobre o motivo em lá menor de composição do mesmo Thalberg, e terminado com uma linda valsa. Nesta serenata, a que assistirão muitas familias, algumas das quaes dentro de suas carruagens, outras á pé e outras na casa de Sr. Tenente Coronel Soares Pinto, fronteira á do Sr. Thalberg, e que illuminou as suas janellas para conveniencia do numerozo concurso que encheia a rua em cujo centro se collocou a orchestra; dirigirão a orchestra os Srs. Gianini e Barbieri.

O distincto artista mostrou-se penhorado por tantas provas de consideração e estima; e constanos que se dispõe a dar mais alguns concertos.

Eis-aqui, leitoras, quanto de importante tive para noticiar-vos; e concluirei dirigindo ao eximio pianista as nossas felicitações como sua sincera admiradora.

Alina.

## EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N. 1. — Touca de criança, bordado inglez.
- N. 2. — Fundo de touca, bordado inglez.
- N. 3. — Collarinho, bordado brasileiro.
- N. 4. — Bordado de matiz e ouro.
- N. 5. — Lenço, bordado de festão e ponto inglez.
- N. 6. — Tira, bordado inglez.
- N. 7. — Tira, bordado inglez.
- N. 8. — Ponto d'armas
- N. 9. — Festão, e ponto d'armas

- N. 10. — Bordado ponto real.
- N. 11. — Festão e poulo real.
- N. 12. — Festão e ponto d'armas.
- N. 13. — Ponto real.
- N. 14. — Ponto real e ponto inglez.
- N. 15. — Bordado festão.
- N. 16. — Ponto real.
- N. 17. — Festão.
- N. 18. — Bolça a *croché*.

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 29.)

X.

### Apostasia.

Por Alá te ruego, guarinos,  
Moro te quieras tornar.

ROMANCEIRO.

Hoje serve de igreja ao povo christão de Salvaleon, a que no seculo XV era mesquita. A mesma cupula, as mesmas janellas mouriscas, e até o mesmo sino. A differença é que, em vez de Mafoma, adora-se ali Jesus. São covas que fizeram os mouros para o seu Deus. Acabou o seu culto, e ficarão yasias e silenciosas como as galerias de uma mina explorada. E os christãos, para se não cansarem em fabricar novos templos, collocarão Jesus nesses logares profanados, e obedecendo á mesma voz do sino, que chamava os infieis ao culto de Mafoma, vgem orar á Virgem. Quando vi o povo reunido debaixo daquella cupula arabeasca, parecia-me ter diante dos olhos um christão com turbante mourisco. Tambem eu ouvi missa nesta igreja, e rezei ali por alma de Roman, que naquella mesma igreja, quando era mesquita, abraçou a lei de Mafoma.

Fallei na primeira parte, dos tres ou quatro mouros anciaos que vivião nos casebres arruinados de Salvaleon, os quaes mantinhão o culto da mesquita naquelles sitios desertos e quasi selvagens. A elles se dirigiu Roman, declarando-lhes o nome de seu pai, e os desejos que tinha de fazer-se musulmano. Um fogo devorador abrazava as entranhas de Roman, quando proferiu em voz alta este desejo.

A palavra atterra a consciencia mais do que o pensamento. Até que não formulamos uma idéa, até que a não reduzimos a syllabas, até que não ouvimos o soado do que pensamos, não conhecemos a importancia, a enormidade de um

pensamento. Acabar de declarar o seu desejo, e sentir os remorsos a despedaçar-lhe a alma, foi instantaneo em Roman. Porém um dos mouros anciaos tomou a palavra, e disse :

— E's filho de mouro. Mouro deves morrer. Assim está escripto. Os pais e os filhos hão de reunir-se lá aonde os aguarda 'o Propheta. Regio era querido do Propheta. Tu deves adorar aquelle que adorava teu pai.

— Filho de Regio, acudiu outro, não te arrependas. Eu sou ministro do Propheta. E leio no livro do futuro, aonde está escripto que irás juntar-te com teu pai. Em nome de Regio te ordeno que curves a cabeça á vontade do Senhor. As portas do paraíso, que estavam fechadas para ti, vão abrir-se. O Propheta é bom, porque concedeu a teu pai esta graça para ti.

Roman inclinou a cabeça atterrado, e deixou-se conduzir pelos mouros á mesquita de Salvaleon.

Ao passar junto de um cypreste, que hoje ergue a copa por sobre as ruinas do castello, ouviu o silvar do vento por entre os ramos, e estremeceu, afigurando-se-lhe que era a voz do inimigo que prognosticava a sua perdição eterna.

Ao passar o arroyo, que descendo do alto, serpeava por entre as penedias, estremeceu tambem, como se o perseguissem os máus espiritos. O canto das aves escondidas pelas arvores pareceu-lhe o regosijo de Lusbel. Tremulo, atterrado, banhada a testa de suor frio, chegou á mesquita. O sacerdote e os mouros entrãrão com elle. Fechou-se a porta, e nada podémos vêr daquellas ceremonias. Sabemos sómente que tres dias esteve Roman com os mouros, e que ao quarto montou o seu corseil, e atravessando as terras, que hoje se chamão de Regio, se dirigiu ao castello de Salvaterra.

(Continúa).

## POESIA.

### A VIRGEM DO MAR.

Além e muito além das crespas rochas  
Aonde o horror das vagas, que bramindo  
Inspira ao mais audaz temor infindo,  
Divaga triste ali do mar a virgem !...

Oh ! vai humilde canto... e n'um suspiro  
Convulso de dôr cheio!..., mas quem sabe ?  
Sequer talvez te ouça... embora ! acabe  
O trovador na dôr de que é a origem !...

Corre... vai... chega perto... e soluçando  
Diz o pesar que ao fraco debilita...  
E apoz na dextra sua deposita  
Um bem tremido e compassado beijo!...

Embora te repilla... chora... e chora...  
Cahir dos olhos deixa amargo pranto  
Até que apague as letras deste canto,  
— Que só morrer por ella é meu desejo —!

II.

Pobre coração! em vão palpitas!...  
Miserio coitado! inda mancebo  
Morrer sem ter amor!...  
Mas ah!... amei-a muito!... ella porém  
Em vez de amor, sentir me fez o fêl  
Da mais cruenta dôr!...

III.

Mas louco julgava que a virgem deixando  
A virgem de escuma, de escumado mar,  
Achasse uma virgem qu' ao peito opprimido  
Podesse os revezes da sorte, abrandar...

Achei uma furia do Averno descida!...  
Que abriu-me no peito... no peito uma chaga...  
Cruel que dê rastos p'ra vida esmolando  
Não paga a perversa... meus males não paga!...

Ah! sim... mas quem dera que um dia eu a visse  
De andrajós coberta na lage deitada...  
As tranças cahidas, a face na pedra  
Que então... ó minh'alma... sereis vingada!...

Os monstros horrendos do Averno chamando,  
As tranças tomando faria-a morrer...  
E o frio cadaver cuspindo na face  
Iria na praia... no mar esconder!

O' virgem dos mares! perdôa e m'escuta...  
Ao menos n'um sonho suspira por mim...  
Suspira... e um beijo tremido na fronte  
Do bardo que chora lhe deixa por fim!...

Eu amo teus olhos tão grandes, lúcentes,  
Qual duas estrellas brilhando no céu...  
Mas ah! que sou pobre... sciencia me falta...  
Meu nome não pôde... não pôde... ser teu!...

Não pôde! — que phrase... que dores... martyrio...  
Não pôde! — oh! inferno... oh! furias... que vida...  
Não pôde! — oh! destino que só me escarneces...  
Não pôde... dirás na campa sentida!...

Mas ah! o qu' importa? nasci desgraçado!  
Ao vêr-te formosa de amores morri...  
O corpo fenece enquanto sorris...  
Mas lembra que morro... que morro por ti!

Que morro co'a febre que o peito devora...  
Que morro de amores apenas sonhando...  
Sem bella setires n'um beijo na face  
O fogo que a vida me vai definhando!...

Ao menos se um sonho nas noites tristonhas  
O peito já fraco pudesse alentar,  
Seria na dôr... na dôr convulsiva...  
O mudo que soffre... sem nada contar!...

Te visse risonha na rede de amores  
Por lindos anjinhos no bosque emballada...  
Teus pomos latentes... tão roseos... franzidos...  
Soffrendo os beijinhos da brisa encantada....

Oh! sim... eu seria... o que?... uma folha...  
Que ao molle balanço cahindo do céu  
Um beijo roubara á brisa fagueira  
Um beijo tremido... tremido só meu...

Mas ah! que sou triste... nasci desgraçado...  
Do mundo engeitado só vivo a pensar...  
Amando essa virgem formosa dos mares  
Que sabe meus males, não sabe me amar!...

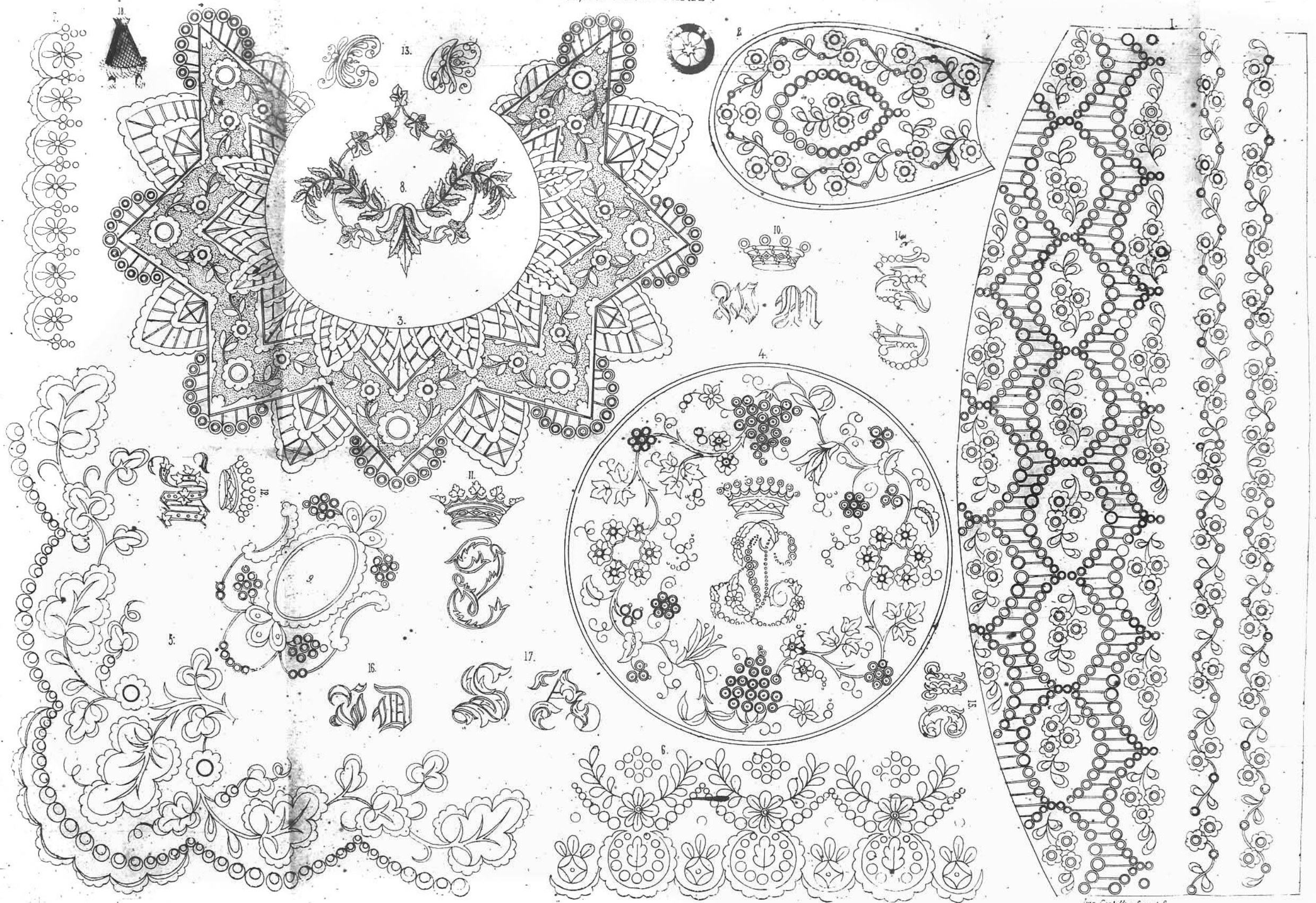
O' virgem dos mares, d'escuma formada!  
Não tenhas p'r'ao triste tão grande auresa...  
Oh! lembra que os anjos... os anjos dos céus  
Desterrão risonhos do peito a feresa!

Porém o que sou? meu nome o que encerra?  
Vergonhas p'r'aos homens qu' ao pobre conhecem!  
Apoulão-me ao dêdo se acaso m'encontrão...  
Um riso d'escarneo sómente me off'recem!..

IV.

Eu que sou? sou do deserto  
Um colosso nas areias...  
Um vulto sou, vago incerto  
Das montanhas nas ladeiras...  
Sou serpente venenosa,  
Que todos fogem de mim...  
Fujo sempre do motim  
Sou tristesa luctuosa!...

Sou fragmentos d'um leulho  
No pego das desventuras...  
Sou engeitado que tenho  
Um viver de mil torturas...



O silencio das montanhas...  
Sou triste aspecto sombrio...  
Sou das tumbas morto cirio...  
Sou pesar que te acompanha !...

Pensamento mortuario  
Involto sempre de trevas...  
Triste tronco solitario  
Que p'ra elle a vista elevas...  
Sou esse que viste honte ?  
Coberto todo de limo  
Do secco monte no cimo  
Do pesar mostrando a fronte !...

O mendigo desgraçado  
Esmolando um só praser...  
O nauta que já caçado  
Deixa á tormento correr  
O lenho sem mastro e vela,  
Indo na rocha abicar,  
O casco fraco quebrar  
Entre as furias da procella !...

Sou morto que tenho vida !...  
N'esta vida ou perdição  
Trago a alma-adormecida,  
Tenho morto... oh ! não !  
Mas que sou ? sou moribundo...  
Triste gemido da morte  
Quando desfecha seu corte  
N'um vivente deste mundo !...

Eu que sou ? sou do deserto-  
Um colosso nas areias...  
Um vulto sou, vago incerto  
Das montanhas nas ladeiras...  
Sou serpente venenosa  
Que todos fogem de mim...  
Fujo sempre do motim...  
Sou tristesa luctuosa !...

Côrte 20 de Julho de 1853.

*O pobre infeliz !*

## OS PUPILLOS DA GUARDA.

(Continuado do n.º 29.)

No 1.º regimento de granadeiro á pé da velha guarda, havia um soldado chamado Pedro Mouscadet. Partindo em 1792 com os primeiros batalhões de voluntarios, Mouscadet não tinha um só instante deixado as bandeiras, e todavia só tinha entrado para a guarda depois da batalha d'Austerlitz; é que desgraçadamente para elle, sua educação tinha sido completamente desprezada e nem mesmo sabia assignar o seu nome. Mouscadet não podia pois esperar outra graduação senão a de official de guarita, como então erão denominados os simples soldados.

Estava elle de guarnição em Courbevoie quando o vago-mestre lhe trouxe uma carta sellada de S. João Brevelay, aldeia situada perto de Yannes na Baixa Bretanha, e patria do velho soldado. Era a primeira carta que elle recebia desde que estava no serviço, e grande foi o seu embaraço. Foi procurar o furriel da sua companhia, e pediu-lhe que lesse a carta. Era ella do mestre d'escola da aldeia que lhe annunciava que seu irmão Francisco estava muito doente, e que antes de morrer deseja vê-lo. Mouscadet tinha um excellentes coração; e posto que não tivesse visto o seu irmão desde a infancia, não hesitou um só instante. Com a carta do mestre d'escola na mão, apresenta-se ao seu capitão para obter do coronel uma licença de um mez para ir ao seu paiz. Dois dias depois, Mouscadet, com o cachimbo na

boca, com o sacco ás costas e com um bastão na mão, estava na entrada da Bretanha, caminhando tristemente, conforme a natureza de suas reflexões. No decimo dia de viagem chegou a S. João Brevelay, acha facilmente a choupana que o viu nascer; mas, ah ! Francisco está moribundo, e apenas pôde apertar a mão do velho soldado e dizer-lhe com voz fraca :

— Irmão, agradeço-te o teres vindo. Eis-aqui tudo quanto a minha pobre Joanna me deixou quando morreu, e eu te dou.

Francisco não pode acabar. Alguns instantes depois já não existia.

O que elle deixava a seu irmão era um gordo rapaz bochechudo e forte que com ar estúpido, tinha presenciado a scena dolorosa passada á sua vista sem a comprehender: o rapaz parecia mais attento ao uniforme do granadeiro do que preocupado pela perda irreparavel que acabava de soffrer.

No dia seguinte aquelle em que Mouscadet tinha prestado os ultimos deveres a seu irmão, fumava tranquillamente o seu cachimbo, assentado na porta da choupana, olhando para seu sobrinho, inquieto como se é em talidade, brincar com o grande cão do mestre d'escola.

— Que diabo farei eu deste rapaz ? Perguntou elle a si mesmo depois de um quarto d'hora de reflexões. Nunca o filho de meu pobre irmão

Francisco será abandonado por mim: isto não é duvidoso. Não tenha pão de sobra para dar-lhe, mas enquanto houver para um haverá para dous, e se o bregeiro come por quatro, se satisfará com batatas: o que não é difficil. Resta saber se o coronel quererá recebê-lo no regimento como menino da bagagem. Elle é ainda muito pequeno para fazer delle um pifano, ou mesmo um simples tambor. Não importa! Vou sempre levá-lo commigo para Courbevoie; arranjal-o-hei cuidadosamente quando chegar, e o apresentarei depois ao major. Encantado desta ideia, Mouscadet fêcha o seu jsaco, vai fazer uma derradeira visita ao tumulo de seu irmão, agradece ao mestre d' escola os cuidados que lhe prestou, e acompanhado por seu sobrinho, toma a estrada de Paris.

— Então! lhe disse elle depois que a torre de S. João Brevelay se tinha perdido de vista, como te chamas, meu pequeno?

— Francisco; respondeu o pequeno orphão dependurando-se no braço do velho soldado.

— Pois bem! Francisco previno-te que d'aqui ao quartel a caminhada será um pouco longa; assim, trata de regular o teu passo pelo meu que eu moderarei convenientemente: isto te fará crescer, e o tamanho, vés tu, meu amigo Francisco, é de primeira necessidade para entrar nos granadeiros. Gostas dos granadeiros?

— Um granadeiro! E' como vós, meu tio?

— Um pouco, meu sobrinho! responde Mouscadet passando brandamente a palma da mão pelo seu bigode negro e espesso.

— Então, sim! Eu quero ser granadeiro; quero ter como vós, um bella casaca e uma sabre que corte bem.

— Tu não és desagradavel, meu rapaz! Então deixa-me diplomatisar este negocio com o major: tudo está em aproveitar o momento. Tinha uma ideia; mas para ella ter bom resultado é preciso estender as pernas mais depressa do que o fazes, e caminhar direito tanto physico como moralmente. Sem isto o pequeno cabo de esquadra nunca fará a tua fortuna.

— Sim, meu tio, respondeu o pequeno Francisco, fazendo todos os seus esforços para regular seus passos pelos do velho granadeiro.

Mas a cousa era difficil. Já o menino estava fatigado quando Mouscadet, crendo bem que seu sobrinho não poderia viajar muito tempo desta maneira, assentou-o cavalgado sobre o seu sacco, e continuou assim o seu caminho asseelerando o passo.

Durante esta viagem Mouscadet affeicou-se cada vez mais a Francisco por causa da sua gentilisa, de seu caracter determinado, e da coragem com que supportou as fadigas da viagem. Quando entãu chegãro a Courbevoie, o pequeno Francisco já não era orphão: tinha achado em seu tio um verdadeiro pai, e nos granadeiros da velha guarda uma nova familia.

O primeiro cuidado de Mouscadet foi apresentar o seu protegido ao major, que o mandou admitir entre os meninos da bagagem do regimento, com meia ração: mas nesta época a paz não tinha longa duração em França. Fallou-se logo de uma nova guerra, e, pela primeira vez na sua vida, o tio de Francisco não acolheu esta noticia com prazer. Já não era só. Exporia elle este menino á fadiga das marchas forçadas, ás privações, e á sorte dos combates? Decidiu-se por tanto a fazer encorporal-o aos *Pupillos da Guarda*. Ora, disse elle, visto que este regimento não é outra cousa mais do que a guarda do Rei de Roma, é a sua magestade romana que eu devo dirigir-me directamente, porque se o filho não attender á minha reclamação, terei sempre o recurso de me dirigir ao pai, que ainda nada me recusou porque uada ainda lhe pedi. Forte por este rassiocinio, Mouscadet foi procurar o furiel de seu batalhão, afamado por sua bonita letra, e dictou-lhe a petição, que já reproduzimos. Só se tratava de fazel-a chegar de maneira segura ao Imperador. Uma grande revista da guarda tendo sido ordenada para o proximo domingo, pareceu boa á Mouscadet esta occasião. Viu-se de que maneira Napoleão acolheu a petição do velho soldado, e qual foi o resultado da negociação. Mouscadet, desde então tranquillo pela sorte de seu filho adoptivo, partiu alegremente, no anno seguinte, para essa campanha da Russia que devia ser tão funesta em resultado como fôra admiravel em sua concepção.

(Continúa.)

## VARIEDADES.

..... Fragmento de uma acta da sociedade — *Ramalhete*. — Presidente, D. Magnolia; — 1.<sup>a</sup> secretaria, D. Perpetua; — 2.<sup>a</sup> secretaria, D. Reine-margarite; — continua, D. Curiosidade; — correio, D. Linda-flôr; — tachygrapha, D. Escolastica P. de L.

A's horas do estylo, reunidas as illustres socias no *toilette* da Ex.<sup>ma</sup> D. Camelia, verificado que havia numero sufficiente para se fazer

*cidrão* (\*), condemnadas a ficarem caladas na 1.<sup>a</sup> sessão, as socias que não comparecerão, abre-se a sessão e se distribuem jornaes, figurinos, albus, etc; e tomando a *continua* — D. Curiosidade, o seu logar para estar vigilante, abre-se a sessão.

D. MAGNOLIA, *presidenta*: — Declaro ás minhas amigas, que a ordem do dia é em 1.<sup>a</sup> parte,

(\*). Fazer cidrão, na linguagem de um padre velho muito respeitavel e conhecido, é fallar da vida alheia.

a interminável questão das modas, bailes e boas sociedades; — em 2.<sup>o</sup> lugar, a indispensável crítica a todos os homens que nos não pertencerem; — e se ouiver tempo, a leitura da memoria sobre a inconveniencia do *ciume* mal entendido; e ao fechar a sessão, a louvável distribuição de beijos e abraços que tanta inveja causão aos homens.

(Bate cinco vezes com as mimosas mãosinhas, toma assento, e lê-se o expediente).

D. REINE-MARGARITE, 2.<sup>a</sup> secretaria: — Vou ler o expediente: (atenção).

Lê um officio de D. Sensitiva, declarando que remette umas poesias provando que o coração do homem é como a esponja-marinha que absorve os líquidos. — Outro de D. Saudade, participando que como zelandora dos bons costumes, tem de dar conta do abuso com que muitos horticultores fluminenses tem dado logar nos jardins ás papoulas, ortigas, arrudas, e outras plantas bravias, e a parasitas importadas dos Açores. — Outro de D. Rosa-branca, participando que não pôde continuar os trabalhos estatísticos dos homens constantes e inconstantes, por falta de dados para conhecer os primeiros; sendo de opinião, attenta as informações obtidas de todas as amigas, que se supprima a qualidade de constante sempre que se tratar dos homens: — finalmente uma petição de queixa assignada por cinco flores mimosas contra o fugimento de outros tantos individuos, cujos nomes se não repetirão por ser segredo conjugal e pertencer á policia de amor, (é remettido á commissão de inquirito); sendo os outros enviados á commissão de critica para considerar a materia — passando-se á

— 1.<sup>a</sup> parte da ordem do dia. —

Dada a palavra em geral, fallão todas as oradoras, interrompem-se, riem-se, fazem-se confidencias-silhas, dividem-se em grupos, olhão os albums, lêem jornaes, mostrão-se crivos, bordados, rendas, musicas, queimão-se as *Marmotas* que tratão das bocas das moças, analisa-se um figurino, falla-se no theatro e cantoras, etc., etc., etc.

D. LINDA-FLORE: — Faz a exposiçào de um lindo lenço de cambraia de linho, bordado com diversas cores, figurando um quadro, nelle se vê: Cupido sem a venda, para denotar que se deve prescrutar as qualidades moraes do objecto a quem se dá o coração, o Deus desvendado está dando a mão a Venus que está em formoso *toilette*, para denotar que hoje os homens, mais se deslumbrão com as vestes, que com as qualidades espirito e educaçào das que devem escolher para amarem; — um luudo do quadro estão Marte, muito tristonho por ser obrigado a atirar de budoque. — Apollo tocando um realejo. — Minerva cosendo saquinhos para dinheiro. — Esculapio coberto de dô e olhando com pena para um salimbaco que mostra um cartaz muito bonito. — A saude correndo espavorida e quasi agarrada pela mirada mão da Peste — a Industria vendendo phosphorus e vigessimos; — e finalmente uma cohorte de zefiros espalhando boas e más

acções incitadas pela deosa *Fortuna* que além de cega, tapa os ouvidos á deosa *Razão*, que commovida está com o dêdo mostrando o céu.

Este primoroso trabalho de agulhadas, feito por D. Linda-flor, é admirado e se decide que delle se faça publica e gratuita exposiçào logo que se conclua os trabalhos das calçadas, se apague todos os bicos de gaz desnecessarios em tempo das luzes e se consiga dos namorados a preñiza época do casamento — passa-se á

— 2.<sup>a</sup> parte da ordem do dia. —

D. VALERIANA: — Senhoras, é sempre com repugancia, que entro em analyse do caracter dos homens, a certeza, que tenho da sua vullabilidade me obriga, até em casa, logo que compre colchetes deixar só os machos e esconder as outras; o homem é o bicho mais temível que conheço; muito tenho estudado, muito tenho ouvido (atenção) sempre que se trata do bello sexo, senhoras, moças meninas e até da velhice, elles tem epigrammas, tem ditos agudos, tem falsidades, tem palavras teruas, elogios com que nos pretendem surprehender (apoiados geraes) o homem é sem contradicção fallador é semelhante a . . . . .

D. MAGNOLIA: — ao Bemtevi que é um passaro essencialmente gabolista.

D. VALERIANNA: — continuando, é o homem como la dizendo igual ao . . . . .

D. MADRE-SILVA: — ao morcego que assopra para morder.

D. VALERIANNA: — continuando comparo o homem como o . . . . .

D. TULIPA: — os tições que ou queimão ou mascarrão.

D. VALERIANNA: — Peço que me deixem continuar (risadas) estamos sós e sem opposiçào (olha em redor de si e para a sala onde estão os Cavallheiros) estamos em sessão secreta e por tanto digo, provo, em prosa, e até em verso o homem é igual em muitos pontos ao... macaco! (oh! oh! sensaçào prolongada, oução oução — silencio).

D. VALERIANNA: — Provo-o e digo (com força) o homem é como o macaco! (a oradora molha o biquinho em um copo d'agua, dá uma volta no quarto, faz cocegas na *continua* D. Curiosidade que fica vigilante, e continua a dizer):

Que os homens e os macacos  
Tem mil pontos de contacto,  
Vou provar minhas amigas  
E vereis se é exacto.

Chora no bosque o macaco  
Por banana e sapuêia,  
Chora o homem como elle  
Logo que vê uma saia.